

NOTAS SOBRE A MÍSTICA E A SANTIDADE EM GEORGES BERNANOS

[NOTES ON MYSTICISM AND HOLINESS IN GEORGES BERNANOS]

MARIA JOSÉ CALDEIRA DO AMARALⁱ

<https://orcid.org/0000-0001-9466-0293>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Neste ensaio, o foco nas notas sobre a Mística e a Santidade será dado a partir de Georges Bernanos (1888-1948), predominantemente em seu livro *São Domingos*. Bernanos prodigaliza a Santidade no intuito de apreendê-la do interior, na incidência do desdido desespero que o santo experimenta em si mesmo, isto é, na vivência renitente dos absurdos e contradições revolvidos em aporias que rogam desprendimento para acessar o processo da nadificação da alma. Esse viver aporético do santo ou da santa é aliado e inseparável do conhecimento sobre a condição humana de seus semelhantes e de si mesmo como única.

Palavras-Chave: Mística; Santidade; Georges Bernanos; desprendimento

Abstract: In this essay, the focus on the notes on Mysticism and Holiness will be based on Georges Bernanos (1888-1948), predominantly in his book *Saint Dominic*. Bernanos lavishes on Holiness, with the aim of apprehending it from within, in the incidence of the wretched despair that the saint experiences himself, that is, in the persistent experience of absurdities and contradictions turned into aporias that demand detachment to access the process of nullification of the soul. This aporetic living of the saint is allied and inseparable to the knowledge about the human condition of his fellow men and himself as unique.

Keywords: Mysticism; Holiness; Georges Bernanos; detachment

Comecei meu São Domingos, mas por amor ao Senhor.

Georges Bernanos

Introdução

A pesquisa em torno da experiência de Deus – a experiência mística – detém em si mesma a experiência do nada. O desprendimento da alma encontra seu *locus* nas almas santas. O santo, aquele que sustenta sua vida e sua *praxis* no lugar de conflito, de pecado, de maldade, de dor e de tristeza, tropeça no horror explícito da vida humana ao mesmo tempo em que esbarra no amor, no flagelo, na compaixão, na pobreza, na resignação e na indiferença, esta última igualmente adepta à alegria:

A alegria dos santos, que nos tranquiliza graças a uma espécie de ingenuidade familiar, não é menos profunda que sua tristeza, mas supomo-la ingênua, pois não deixa transparecer qualquer procura, qualquer esforço, nem esse doloroso regresso a nós mesmos que faz ranger a ironia de Molière no ponto preciso em que a observação dos ridículos de outrem se articula à experiência íntima (Bernanos, 2022a, p. 276)¹.

A interioridade de São Domingos que Bernanos quer alcançar está para além do que a história conta sobre a biografia de um santo, algo mais próximo a que conjecturamos como resíduos das notas advindas da consciência mística conhecidas no campo da pesquisa sobre a experiência de Deus no universo cristão – a alma santa dobrada sobre sua interioridade dilacerada, impotente porque transfundida na vertiginosa realidade que acompanha a história de um mundo escravo de suas mortes pela hereditariedade do pecado; essa santa alma é “a efusão de uma milagrosa, de uma edênica ingenuidade” (Bernanos, 2022, p. 57).

Georges Bernanos é um escritor congratulado dentro do universo da literatura espiritual cristã. Para Hans Urs Von Balthasar, sua obra foi uma atitude concreta que somente fez sentido como a luz que ele precisava para sustentar ser testemunho da verdade. A *Eclesial Existência* explorada por Balthasar (1996) – a vida de Bernanos

¹ La gaieté des saints qui nous rassure par une espèce de bonhomie familière n'est sûrement pas moins profonde que leur tristesse, mais nous la croyons volontiers naïve, parce qu'elle ne laisse paraître aucune recherche, aucun effort, ni ce douloureux retour sur soi-même qui fait grincer l'ironie de Molière au point précis où l'observation des ridicules d'autrui s'articule à l'expérience intime (Bernanos, 2022a, p. 276).

como escritor – é também o tema de seus melhores trabalhos, nos quais suas personagens enfrentam a beatitude em confronto com o demônio, com o mal. Para Sébastien Lapaque, no Prefácio do livro *Bernanos Maître Spirituel* de Frère Robert O.S.B. (2023, p. 12), os santos de Bernanos não são criaturas descidas de velhos vitrais, nem mesmo aqueles visitados da Idade Média; eles são identificados com seus respectivos tempos e compartilham a amargura de seus contemporâneos. “A dimensão espiritual da verdade está insolúvelmente ligada ao comprometimento temporal no qual ela está implicada” (Frère Robert, 2023, p. 78).

A vida na santidade é uma inquietação presente em toda obra desse autor que dialoga com aqueles que “brilham e resplandecem em extraordinária liberdade” (Bernanos, 2022, p. 51): os santos. Neste ensaio, o *locus* da alma santa, em Bernanos, estará presente no livro *São Domingos/Saint Dominique* (Bernanos, 2022), no qual ele, ainda que não acreditasse ser capaz, desejava escrever e “recompôr desde o interior uma vida de um santo [...]. Falo de um santo de verdade, autêntico, dado como tal pela Igreja”, como disse na carta a Henri Massis, em setembro de 1926 (Bernanos, 2022, p. 7)². Ainda reconhecendo que não seria audaz o suficiente para propor a si mesmo escrever e reconstruir, desde o interior, a vida de um santo, ele disse em entrevista concedida a Frédéric Lefèvre³: “[...] e mesmo supor um santo imaginário; seria loucura forçar as palavras a exprimir o que é, por natureza, inexprimível, a paz para além de toda linguagem”. A paz para além de toda linguagem está, também, constelada por esse escritor francês na perspectiva de a obra de um santo ser constitutiva de sua própria vida (Bernanos, 2022, p. 53).

Em *Sob o sol de Satã*, publicado em 1926, o autor já confessa a impossibilidade de recompôr a vida de um santo de dentro – de seu interior importunado – e dá vida a um santo na sua personagem mais conhecida – Donissan: um santo excepcional. A excepcionalidade do Cura de Lumbres é vivida no estado torturante de sua experiência com o demônio, o mal que o indaga insistentemente; em seu diálogo com o mal, Donissan diz ao demônio que é de Deus que recebe a força “que não podes vencer” (Bernanos, 2010, p. 154), configurando, nessa passagem, a astúcia do mal que se diz ameaçado com a piedade de um santo: “Quem te resistiria, oh, meu senhor?” (Bernanos,

² *Correspondance* (t. I, 1970, p. 261). Citada, na extensa introdução de *São Domingos*, por Monique Gosselin-Noat, professora emérita da Universidade de Paris Nanterre. (Bernanos, 2022, p. 7).

³ Lefèvre (1926, p. 63-102). Entrevista citada por Monique Gosselin-Noat (Bernanos, 2022, p. 15).

2010, p. 154). Donissan vê, “diante de si, o seu duplo, uma semelhança tão perfeita, tão sutil, que se poderia comparar não à imagem refletida num espelho, mas ao singular, único e profundo pensamento que cada um alimenta de si mesmo” (Bernanos, 2010, p. 154). O santo excepcional não sabe o que dizer sobre tal singularidade e profundidade no pensamento que alimenta a si mesmo e o interroga de dentro de si:

Que dizer? A sua frente estava o seu próprio rosto macilento, a sua pobre batina suja de lama, o gesto instintivo de sua mão sobre o coração; estava ali o seu olhar, e nesse olhar havia medo. Jamais sua consciência, impelida a examinar-se, chegara por si só a esse desdobramento prodigioso. A observação mais sagaz, voltada para o universo interior, só apanha um aspecto, de *per si*. E o que descobria o futuro santo de Lumbres, nesse momento, era o conjunto e o detalhe, os pensamentos com suas raízes e prolongamentos, a infinita rede que os liga entre si, as menores vibrações de sua vontade; dir-se-ia um esfolado mostrando no desenho de suas artérias e veias a palpitação da vida. Essa visão, simultaneamente una e múltipla, tal como um homem que apanhasse com o olhar os objetos em suas três dimensões, era de uma nitidez tal que o pobre padre se reconheceu, não somente no presente, mas no passado, no futuro, em toda sua vida enfim... Ó Senhor, somos assim transparentes ao inimigo que nos espreita? Somos entregues tão desarmados ao seu calculado ódio? (Bernanos, 2010, p. 154-155).

Mas a construção de Georges Bernanos sobre a santidade abarca não somente a exposição das artérias e veias de Donissan e a transparência de si mesmo rendida ao mal e à dimensão daquele que não aniquila a si mesmo: o demônio e sua configuração visionária em sua própria alma. Quando começou a escrever seu livro *A Alegria*, a santidade verdadeira que ele inventa, publicado em 1929, três anos após a publicação de *Sob o sol de Satã* e *São Domingos* – este último concluído em novembro de 1926 – Bernanos relata, também com certa lucidez visionária e prodigiosa, em uma carta de outubro de 1927 a Henri Massis⁴ que experimentou uma espécie de êxtase: “Eu vi, com dois santos encantadores, dois verdadeiros santos, que vou inventando. Tudo é tão luminoso que não consigo pensar em outra coisa, tenho o coração encantado” (Bernanos, 2022, p. 13). O autor está se referindo a duas personagens de *A impostura* e *A alegria*, talvez não caracterizadas como excepcionais, tal qual o Cura de Lumbres, mas verdadeiros santos inventados, o Padre Chevance e Chantal de Clergerie; na mesma referência, Bernanos aponta para a relação do êxtase com a santidade encarnados na sua literatura, seu dado como escritor: “Com que poderia eu ter estancado esta alegria obscena, senão com um santo? Para que constranger as palavras rebeldes, senão para

⁴ *Correspondance* (t. I 1970, p. 311). Citada por Monique Gosselin-Noat (Bernanos, 2022, p. 7).

definir, pela penitência, a mais alta realidade que possa conhecer o homem, ajudado pela graça: a Santidade?”⁵ (Bernanos, 2022, p. 13).

Para identificar a presença de algumas notas comuns tanto na experiência mística como na experiência santa, tomamos como foco a mais alta realidade que o homem pode conhecer ajudado pela graça e que conhece o homem ou os homens: a realidade como a própria condição humana, revelada para nós por meio das palavras rebeldes de Donissan – o santo excepcional – e pela harmonia contemplada pela pura inocência e altitude espiritual, em Chantal e em Chevanche, isto é, com as palavras rebeldes e com a serenidade regadas pela graça – ambas revertidas em miséria e misericórdia.

Saint Dominique / São Domingos de Georges Bernanos

Bernanos encontra um meio para estancar o êxtase, a alegria obscena e o encantamento experimentado ao escrever sobre santos “verdadeiros” que inventou escrevendo sobre a vida de um santo, tal como é dado pela Igreja Católica. Sua intrépida literatura é constatada pela afirmação de Hans Urs von Balthasar: uma atitude concreta que fez sentido como a luz que ele precisava para sustentar ser testemunho da verdade. Começou seu São Domingos por amor ao Senhor, constringendo as palavras rebeldes e buscando definir, pela penitência, a mais alta realidade que o homem possa conhecer, claro, ajudado pela graça: a Santidade. Bernanos escreve sobre o desafio, também atravessado pelos pesquisadores comprometidos com a experiência da santidade contaminada pela experiência do desprendimento, esta última como um dos elementos mais clássicos, históricos e subjetivamente declarados por místicas e por místicos no universo cristão; ele avisa a seus leitores que seria uma visão curta acreditar nos relatos da vida de santos conquistadores e legisladores - São Domingos, São Bento ou Santo Inácio - como mais próximos a nós que a experiência de São João da Cruz, de Santa Catarina de Siena ou, de uma iluminação de Angela de Foligno, por exemplo. Para o escritor da vida de santos, na santidade não há método, nem receitas, nem fórmulas originais para descrevê-la, ou melhor, nela, todas estão: “Ela reúne e eleva todas as potências; realiza a concentração horizontal das mais altas faculdades do homem” (Bernanos, 2022, p. 53). Para ser testemunho da verdade dos santos, é necessário

⁵ Lefèvre (1926, p. 63-102). Entrevista citada por Monique Gosselin-Noat em Bernanos (2022, p. 7).

predizer que a vida de São Domingos é a sua obra, estando ele por inteiro em sua vida. É assim que Bernanos ousa penetrar na vida interior do criador da Ordem dos Pregadores, ampliando a visão sumária, da qual falou acima: “e, no entanto, se estivesse a nosso alcance lançarmos sobre as obras de Deus um olhar único e puro, a Ordem dos Pregadores se nos apareceria como a própria caridade de São Domingos realizada no espaço e no tempo, como se fosse sua oração visível” (Bernanos, 2022, p. 56-57).

Se a Santidade, para Bernanos, reúne e eleva todas as potências e realiza a concentração horizontal das mais altas faculdades humanas, a oração de amor de São Domingos, quando ainda ignorava o seu caminho, é a Ordem dos Pregadores que será matizada pela própria inquietação latente em plena efusão da vida, buscando, em vão, uma regra à altura de seus desejos que não encontra. Mas para além de regras ou planos, possui algo maior: “o desprendimento fundamental, a liberdade interior que atrai, sem dúvida, o Espírito dos altos dos ares, como um pássaro fascinado” (Bernanos, 2022, p. 65). A liberdade já é conhecida em Georges Bernanos como o escândalo do universo porque Deus fez sua criação livre e, segundo ele, consciente do fundo metafísico de sua afirmação: todos os demais escândalos procedem desse escândalo original. No santo, a liberdade em vida sustenta a humanidade mais humana que a dos humanos, sem a necessidade do sublime em si porque é o sublime que precisa dele. Bernanos não considera São Domingos como um herói de Plutarco, porque ele não ultrapassa a sua humanidade, mas a concretiza e a realiza; aqui, o autor é assertivo na pontual e original linguagem revelada que expõe o fato de que Jesus não morreu somente pelos heróis, mas também pelos covardes:

Quando seus amigos se esquecem disso, seus inimigos, porém, não deixam de lembrá-lo. Vocês sabem que os nazistas não paravam de contrapor à Santíssima Agonia de Cristo no Jardim das Oliveiras a morte alegre de tantos jovens heróis hitleristas. É que Cristo quer abrir a seus mártires a via gloriosa de uma morte sem medo, mas também quer preceder cada um de nós nas trevas da angústia mortal. A mão firme, impávida, pode, no último degrau, procurar apoiar-se em seu ombro, mas a mão que treme está segura de encontrar a dele... (Bernanos, 2020, p. 201).

A precedência a cada um de nós nas trevas da angústia final e a abertura do caminho glorioso a uma morte sem medo a seus mártires são dadas a todo e qualquer ser humano no Jardim das Oliveiras por Cristo; é nessa realidade dada que a vida do santo está equalizada à vida humana e que a vida do santo é travestida pela vida de seu semelhante, como única: “[...] a mão que treme é a que está segura de encontrar a

dele...” O São Domingos de Bernanos sabe que temor é tremor e que a epifania da verdade denunciada pela mão que treme entrega a aporia humana ao entroncamento entre a natureza e a graça. O sentido de ser testemunho de uma verdade e de escrever sobre a vida de um santo faz uma aliança com o sentido que rompe com qualquer determinismo possível ao santo predestinado e o faz livre. Bernanos, em sua carta de janeiro de 1942 a Jorge de Lima⁶, confessa sua perplexidade exposta ao testemunho do escândalo da liberdade e da verdade humanas que, quase sempre, configuradas na vida do santo, serão mal ditas, no contexto de visões curtas: “este mundo cadavérico precisa do escândalo da poesia, assim como do escândalo da verdade. O seu mal é ter mutilado até mesmo o escândalo, o escândalo da verdade, pois o escândalo não é dizer a verdade, é não dizê-la inteiramente” (*Correspondance*: Lettre 648: t. II, 1971, p. 445). A aporia humana, no cruzamento entre a natureza e a graça, está cravada na vida da Santidade contaminada pela experiência mística que toma corpo na linguagem dos textos místicos. A perspectiva dessa liberdade e da verdade mal ditas, porque corrompidas pela mentira aceita pelo mundo, está constelada no modo santo por místicos e por místicas contemporâneos e posteriores a São Domingos. Mechthild de Magdeburg (1207-1282/1294?) – mestra e mãe da mística renano flamenga – é grata à Ordem dos Dominicanos, cujos monges e priores promoveram seus escritos como aqueles de uma mulher santa e piedosa. Na obra da beguina alemã, o *Das flieBende Licht der Gottheit*, está posta a equalização da mais alta verdade e liberdade que o ser humano pode conhecer: “Ai, amado Senhor, como a minha miséria pode se comparar à tua bondade?” [MM, VII, 6] (Matilde de Magdeburg, 2021, p. 293). Ao lado de Mechthild, está Marguerite Porete, também mística medieval⁷, que amplia, como único e profundo, o pensamento que uma nota santa e mística possui em si mesma:

Assim, não posso perder jamais a sua bondade, pois não posso perder minha maldade. E esse ponto, sem dúvida alguma, me foi assegurado por sua bondade. A própria natureza de minha maldade adornou-me com tal dom e não com nenhuma obra de bondade que eu tenha feito ou que alguém pudesse fazer. Nada disso me dá conforto e esperança, somente minha maldade, pois por meio dela tenho certeza (Marguerite Porete, 2008, p. 187).

⁶ Il manque à ce monde cadavérique le scandale de la poésie, comme aussi le scandale de la vérité. Son mal est d’avoir mutilé jusqu’au scandale, le scandale de la vérité, car le scandale n’est pas de dire la vérité, mais ne pas la dire tout entière. *Correspondance* (t. II, 1971, p. 445). Citada por Frère Robert O.S.B. (2023, p. 78).

⁷ Marguerite Porete foi julgada pelos autos inquisitórios e morreu queimada com seu livro *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor* na Place de Grève, em Paris, no dia 1º de junho de 1310.

A consciência da experiência da similaridade da condição degenerada, obscena, miserável em todo e qualquer ser humano à bondade de Deus é o solo dessa reflexão sobre as notas intermitentes da experiência santa e mística. Porete está assegurada de sua maldade, porque sua maldade é a verdade garantida pela bondade de Deus e Mechthild está perplexa diante dessa constatação em si mesma. Nessa composição, o santo e o místico alicerçados pela verdade de Deus, alcançam a própria liberdade de suas verdades bem ditas, as verdades escandalosas que fazem falta ao mundo e que deixam transparecer a vida do santo equalizada à vida de seu semelhante, como uma única e mesma vida.

Vejam, então, como Bernanos descreve, em seu *São Domingos*, a efetiva experiência santificada que o moralista acredita saber:

Não existe atitude, por mais bem e pacientemente meditada que seja, que não traga em si sua própria contradição; não há mentira tão compacta que não tenha sua brecha, ou que pelo menos não possa ser tomada às avessas. Como o cirurgião ensina a vida valendo-se dos mortos, como o biólogo analisa os dejetos humanos para neles conseguir flagrar o segredo das permutas e das funções, o moralista sabe que tem diante de si uma personagem cheia de artifícios e de fraude, um cadáver camuflado, pelo qual somos enganados tanto quanto qualquer outro, até o momento em que o primeiro olhar do juiz, no além da morte, faça-o rebentar em pedaços. Mas o santo é perante nós o que ele será diante do juiz (Bernanos, 2022, p. 53).

Se, no mundo moderno e contemporâneo, a experiência mística e santa parece despertar o interesse de poucos, ela continua desestabilizando a objetividade das determinações encarceradas, banais ou vulgares e, em certo sentido, permanece fiel a si mesma em fragmentos pinçados por visões e reflexões recentes de alguns pesquisadores, de pessoas comuns e, de certo, de vidas santas atuais e atualizadas. A veracidade dos relatos de vidas santas e místicas sempre foi distante da vida comum, algo inalcançável, nada provável. Georges Bernanos penetra nesse universo inspirado pela proporcionalidade, resistindo ao distante e expondo, no presente, a liberdade e a verdade que o santo condensa em seu intenso labor interior e exterior, tanto no cumprimento de uma poética contemplada por uma santidade esteticamente marcada pela maldade e miséria salvaguardadas por Deus – como em Porete e em Mechthild –, quanto na santidade constitutiva de um homem que, fundador de uma Ordem religiosa, confessa, no momento de sua morte, a semelhança de sua humanidade à de seus fiéis ou infiéis, oferecendo aos frades que o acompanham a sua dimensão desejável, demasiadamente humana:

Os frades estão reunidos para recolher, se possível, algo da palavra que se vai enfraquecendo. Domingos faz um sinal com a mão. Eles se aproximam. Ao humilde gesto do santo, eles reconhecem que há alguma confissão pública a ser feita, algo que muito pesa em seu coração. Aquele que apareceu ao papa Inocêncio III em um sonho, carregando sobre seus ombros a Igreja de Latrão, conselheiro de pontífices, conselheiro de príncipes, árbitro de tantos destinos, mestre e legislador de tantas consciências, descobre, nesse instante solene, com espanto, o caráter abstrato, quase terrível, de sua vocação doutrinal? Qual escrúpulo o atormenta?

Ele levanta sobre os frades seus olhos azuis, seu olhar intacto. “Eu me acuso”, diz o mestre dos Pregadores, “de ter sempre preferido a conversação das jovens àquela das pessoas idosas” (Bernanos, 2022, p. 93).

O caráter abstrato e terrível de sua vocação doutrinal pode ser traduzido pela inserção do pensamento de Bernanos fiel à configuração da santidade exposta a um diálogo de mais de dois mil anos no qual em cada vida mística estão todas as outras. A análise de duas existências teológicas – Tereza de Lisieux e Elizabete da Trindade –, realizada por Hans Urs Von Balthasar (1992), aponta para a presença das respectivas experiências singulares ativas e contemplativas que foram rendidas e entregues a Deus trino em nome da história da salvação e redenção cristã; segundo ele, Teresa e Elizabete “sabiam que este chamado estava encoberto, mesmo quando as raízes desapareciam no solo. Acima do solo, a igreja visível e a sua atividade alimentam-se destas raízes” (Balthasar, 1992, p. 11). Nesse saber consensual, Balthasar identifica uma ímpar e frutífera oposição entre as duas carmelitas na qual projeta a complementação e o esclarecimento da existência santa destas mulheres. Enquanto Tereza permanece fiel à escritura e ao dogma, tomando para si a carne e o sangue em sua ascese, correndo o risco de que a verdade objetiva possa desaparecer na eminente verdade existencial – seu ‘pequeno caminho’ –, Elizabete consente a toda a sua existência a própria dissolução na verdade do evangelho, mesmo à medida que a objetividade avassaladora da verdade divina ameaça destruir sua subjetividade. A santidade implica o que é, de fato, concedido a cada uma delas como categorias teológicas e constelam uma única santidade no mundo espiritual do Carmelo. Balthasar ilumina, então, a ideia de que existem dois tipos de santidade complementares e aliadas que operam em um paralelo complementar: uma santidade, conhecida como normal e nada espetacular, e outra, mais próxima a uma condição santa própria ao Cura de Lumbres, a Chantal de Clergerie e a Chevanche. Mas, no que se refere à santidade como a de São Domingos, Balthasar destaca, na vida de santos e de santas – pregadores (as) e fundadores (as) das ordens

eclesiais –, uma especial representatividade também concedida pela graça pura de Deus em plena apropriação efetiva de tal representação, acompanhada de intenções e coragem aceitas ou não pelos inquisidores da ciência, da fé e da cultura como santificadas. Se a experiência de Deus encontra seu lugar no *abgescheidenheit* em estilo agostiniano e mesmo na *aphairesis* dionisiana, as notas santas e místicas insistem sempre no temor da mão que treme certa de encontrar Deus, pois existe, “[...] sem dúvida, na vontade de Deus uma parte que o triste amor humano não poderia reduzir por completo, incorporando-o perfeitamente à sua própria substância. A grande sede, a Sede eterna, afastou-se das fontes vivas, apenas quis o fel e o vinagre, não desejou senão a amargura” (Bernanos, 2022a, p. 275-276)⁸.

Bernanos diz que os santos e as santas não precisam da Igreja, ao contrário, a Igreja é que precisa dos santos para que ela seja santa. A especulação da substância constitutiva interior dinamizada na vida da santidade coloca em risco e em conflito o conhecimento, a moral e a condição humana no espectro psicológico. O interessante, em sermos lidos por Bernanos, é que não é possível encontrar o que estamos buscando; o autor não nos deixa permanecer na fala comum, racional e real na vida de seus predestinados santos inventados e de seus coadjuvantes. Sempre há uma perplexidade do leitor diante do ‘comum e do normal’ que não se sustentam e que são imediatamente confiscados pela perplexidade da personagem central: o santo ou a santa; automaticamente, a perplexidade expõe as raízes das quais falava Balthasar, referindo-se à sabedoria das duas santas carmelitas, fonte do risco de existências contingentes a uma consciência interior esvaziada e nadificada, próprias ao ‘não é isso nem aquilo’, de Meister Eckhart, ou ainda, ao fato de que o místico ou a mística são habitados (as) ‘por um nobre eu não sei o quê, que nos conduz, nos introduz e nos absorve em nossa Origem’, de Hadewijch da Antuérpia, bem lembrado por Michel de Certeau (1982, p. 411). Conduzidas a suas origens, as almas santas e místicas alcançam *nuances* atravessadas pelo ‘constrangimento penitente de palavras rebeldes’ – a mal dita liberdade – que compõe, também, o seu intento: a alegria obscena, estancada por uma

⁸ [...] il y a sans doute dans la volonté de Dieu une part que le triste amour humain ne saurait réduire tout entière, incorporer, incorporer parfaitement à sa propre substance. La grand soif, la Soif éternelle s’est détournée des sources vives, n’a voulu que le fiel et le vinaigre, n’a désiré que l’amertume (Bernanos, 2022a, p. 275-276).

literatura numinosa condenada livremente à verdade que, sendo bem dita e toda dita, de veras, a sustenta.

Considerações Finais

A santidade inventada por Georges Bernanos na personagem de Chantal de Clergerie, em *La Joie* – aquela mocinha sincera que sempre procurou, não sem malícia, descobrir em suas dores e decepções de sua vida a própria infelicidade destilada, aquela que não difere a majestade da desgraça – está aliada à interioridade desesperada e combatente de São Domingos. Chantal e São Domingos conhecem intimamente o tormento violento de Donissan – o Cura de Lumbres –, que soube a força que recebeu e que o príncipe do mundo – o mal – não pode vencer nem camuflar: a transparência de sua verdade e liberdade dentro de si e de seu semelhante, seu duplo⁹. A literatura santa de Georges Bernanos é conduzida e conduz a um enfrentamento intercedido pelo absurdo e pela graça. A verdade e a liberdade próprias da alma santa são o extrato destilado no embate entre o aniquilamento dessa alma, atestado pelos místicos cristãos, e aquele que não se aniquila: o mal em sua configuração humana. Em duplicidade, a anatomia da alma que experimenta a nadificação é capaz de experimentar, também, a percepção mais sagaz constitutiva da mais alta realidade que possa conhecer o homem, ajudado pela graça. Em vez do silêncio a respeito das demonologias, as personagens de Bernanos compartilham da justa dinâmica reveladora do abismo entre a verdade e a liberdade originais dadas à alma santificada no recesso de qualquer autonomia moral possível no singular, único e profundo pensamento que cada um alimenta a respeito de si mesmo. Frère Robert (2023, p. 81), citando mais uma carta de Bernanos a Amoroso Lima em março de 1939, diz que a verdade queima ao mesmo tempo em que ilumina, além de abalar conceitos e pré-julgamentos estabelecidos, por mais autênticos, originais e legítimos que sejam, pois a verdade da qual os santos e os místicos vivem exige uma ruptura com relações até então estreitas do ponto de vista das ideias, da política e da fé. Eis o trecho da carta: “Quando dissemos não só o que pensamos, mas tudo o que pensamos, conhecemos uma forma muito amarga de solidão interior. Aqueles que

⁹ *O duplo* de Dostoiévski, publicado em 1846, além de ter sido considerado pelo próprio autor como uma de suas contribuições mais sérias à literatura, resvala nas personagens de Georges Bernanos e as fundamenta, sem dúvida. Bernanos é considerado o Dostoiévski francês.

sabem guardar, cuidadosamente, uma parte da verdade que possuem, podem, pelo menos, alimentar-se dela em segredo. Os outros, tendo dado tudo, sentem-se muito vazios”¹⁰. Em síntese, a dissonância e a decapagem – o esvaziamento interior – expõem o fruto da verdade proclamada e constelam a nota livre que a mística ecoa na santidade.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Maria José Caldeira do. San Óscar Romero: mística, profecía y santidad. In: XAVIER, José Donizete; SBARDELOTTI, Emerson (org.). *San Romero de America*. Montevideo: Fundacion Amerindia Oficina Ejecutiva, 2022. p. 205-212.

AMARAL, Maria José Caldeira do; VILLAS BOAS, Alex; PROVINCIAATTO, Luís Gabriel. É desse Amor que eu soffro. Hermenêutica feminina da experiência mística – A Minne medieval em Hadewijch da Antuérpia. *Pistis&Praxis, Teologia e Pastoral*, 13 (2021). p. 189-214. ISSN 2175-1838. Disponível em: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.13.espec.DS12>. Acesso em: set. 2023.

BALTHASAR, Hans Urs Von. *Two sisters in the spirit: Thérèse of Lisieux & Elizabeth of the Trinity*. San Francisco: Ignatius Press, 1992.

BALTHASAR, Hans Urs Von. *An ecclesial existence*. San Francisco: Ignatius Press, 1996.

BERNANOS, Georges. *Sob o sol de Satã*. Tradução: Jorge de Lima. São Paulo: É Realizações, 2010.

BERNANOS, Georges. *Liberdade, para que?* Tradução: Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2020.

BERNANOS, Georges. *São Domingos/Saint Dominique*. Tradução: André Luís Tavares. São Paulo: É Realizações, 2022.

BERNANOS, Georges. *Les Ténèbres*. Paris: Alicia Editions, 2022a.

CERTEAU, Michel de. *La fable mystique: XVI–XVII siècle*. Paris: Gallimard, 1982.

¹⁰ Lorsqu'on a dit non pas seulement ce qu'on pense mais tout ce qu'on pense, on connaît une forme très amère de la solitude intérieure. Ceux qui savent garder jalousement une part de la vérité dont ils disposent peuvent du moins s'en nourrir en secret. Les autres, ayant tout donné, se sentent bien vides *Correspondance* (t. II 1971, p. 241).

CORRESPONDANCE. t. I, 1904-1934. Paris: Plon, 1970.

CORRESPONDANCE. t. II, 1934-1948. Paris: Plon, 1971.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O duplo*. São Paulo: Editora 34, 2011.

FRÈRE ROBERT, O.S.B. *Bernanos Maître Spirituel*. Abbaye du Barroux. Vaucluse/Avignon: Éditions Sainte Madeleine, 2023.

LEFÈVRE, Frédéric. *Georges Bernanos, La Tour d'Ivoire*. 2.ed. Paris: Gallimard, 1926.

MAGDEBURG, Matilde de. *Revelações ou A luz que flui da divindade*. Tradução: Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2021.

MAGDEBURG, Mechthild Von. *Das flieBende Licht der Gottheit*. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1995.

MEISTER ECKHART. *Sobre o desprendimento e outros textos/Mestre Eckhart*. Introdução: Gwendoline Jarczyk e Pierre-Jean Labarrière. Tradução do médio-alto alemão: Alfred J. Keller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PORETE, Marguerite. *Le miroir des âmes simples et anéanties*. Introduction, traduction, notes: Max Huot de Longchamp. Paris: Albin Michel, 1984.

PORETE, Marguerite. *O espelho das Almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Tradução e notas: Sílvia Schwartz. Petrópolis: Vozes, 2008.

Recebido em: 04/12/2023

Aceito em: 05/02/2024

ⁱ **Maria José Caldeira do Amaral** é psicóloga clínica, mestre e doutora em Ciências da Religião/CRE/PUC/SP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa 'A Experiência Mística e o Conhecimento: Amor, Desejo, Sofrimento e Êxtase' do LABO/FUNDASP/PUC/SP. Pesquisadora do Grupo LERTE/Teologia/PUC/SP. **E-mail:** mjc.doamaral@gmail.com